

UMA FILOSOFIA DA GEOGRAFIA COMO NECESSIDADE METODOLÓGICA NA PROPOSTA TEÓRICA DE MILTON SANTOS.

Fernando Antonio da Silva

Doutor em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
fernando.s.12@hotmail.com

Reinaldo Sousa

Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe – UFS
reinaldosousasousa@hotmail.com.

Resumo:

A reflexão sobre o método no interior da geografia pode ser feita, dentre as inúmeras possibilidades existentes, a partir da atualização de contribuições dispersas nas diversas ciências e na filosofia, além do resgate de proposições de teóricos da própria geografia, ou, ainda, com base em estudos, recorrentemente chamados de “empíricos, sobre um ou mais aspectos da dinâmica territorial (os sistemas técnicos e a integração do território, as novas dinâmicas urbanas, o papel da informação, as implicações territoriais das políticas públicas, todos estes são exemplos de temas de estudos atuais da ciência geográfica) – exercício que frequentemente se faz no âmbito da produção de uma tese, dissertação ou monografia. Problematicamos as possibilidades de encaminhar essas duas perspectivas de maneira não só paralela, mas, também, complementar. Para isso, o texto aborda, sucintamente, a importância da Metageografia na perspectiva de Milton Santos para uma correta condução metodológica da ciência geográfica. Advoga-se neste trabalho que o método envolve operações complexas e que, por assim ser, sua construção e utilização exigem uma filosofia da Geografia. Para tanto, nos baseamos no pressuposto defendido por Armando Corrêa da Silva (1980; 2000) para quem, dentro da totalidade social, a Geografia deve ser considerada uma subtotalidade. Mediante a breve reflexão ora apresentada pretende-se contribuir para o debate acerca do método geográfico.

Palavras-chave: Método. Metadisciplina. filosofia da Geografia.

A PHILOSOPHY OF GEOGRAPHY AS METHODOLOGICAL NECESSITY IN THE THEORETICAL PROPOSE OF MILTON SANTOS.

Abstract:

The reflection about the method into the geography can be made, among endless possibilities, from the update of contributions located in various sciences and in the philosophy, including theoretical propositions of geography, or in addition, based in the research, often named “empirical”, about one or more aspect of territorial dynamic (the technical systems and territory integration, the new urban dynamics, the role of information, the territorials effects of public policies, some of the mains themes of research in the geographical science actually). The last perspective is often made in construction process of doctoral thesis, master’s degree dissertation or monograph. We problematize the possibilities to treat the two perspective (update of contributions and empirical analyses) in a complementary way. For this, the text discusses briefly the importance of “Metageografia” in the Milton Santos’s perspective for the correct methodological conduction of geographical science. We advocate that the method itself involve complexity operations. Thus, its construction and utilization require a philosophy of geography. We start from the ideia of Armando Corrêa da Silva (1980, 2000) that says that, inside social totality, the geography must be considerate a subtotality. The aim of this reflection is to bring a contribution for the debate about geographic’s method.

Key-words: Method. Metadisciplina. philosophy of geography.

1 Introdução

Partindo da necessidade de elaboração de uma teoria genuinamente geográfica, a partir de uma epistemologia particular, Milton Santos ressalta a importância da Metageografia, definindo-a como uma *filosofia da Geografia* (SANTOS, 1982, 2009a). A trajetória epistemológica trilhada por este autor, em consonância com o contexto histórico em que viveu, clarificou a importância desta construção para uma correta condução metodológica da ciência geográfica.

Na sua abordagem, o espaço ganha status filosófico, uma realidade ontológica solicitando teorização. Como instância social da mesma maneira que o tempo, o espaço se impõe a tudo e a todos, sendo que a sua constituição vai depender do sistema técnico de cada período.

Da mesma maneira, os conceitos que permitem analisar o espaço geográfico em cada período devem ser construídos e transformados a partir do movimento do real. Nesse sentido, uma das tarefas das análises empíricas particulares é justamente a construção de uma teoria menor. Esta é entendida como a interpretação de uma parcela da realidade a partir de um sistema teórico previamente formulado. Um dos papéis fundamentais da teoria menor é fazer o caminho inverso, isto é, renovar os conceitos com os resultados obtidos nas pesquisas empíricas. Em outras palavras: olhar o conceito do ponto de vista realidade concreta.

Assim, a primeira afirmação que devemos fazer é que a ciência geográfica só evolui a partir de conceitos, pois, estes constituem a maneira correta de olhar a realidade cientificamente. Por seu turno, o conceito compreende uma densa construção filosófica. E filosofar, escreve Heidegger (1973, p.211), “[...] é penetrar *na* filosofia, demorar-nos nela [...]”.

É assim que Milton Santos vai compartilhar do pensamento de Sartre quanto este filósofo afirma que “[...] é *chegado o tempo em que cada disciplina constrói sua própria filosofia*” (SARTRE, apud SANTOS, 1988, p.10). Dizendo de outra maneira, uma filosofia da geografia é essencial para alcançar a compatibilidade dos conceitos com a história.

Daí Milton Santos (1988) afirmar, frequentemente, que a Geografia é uma Filosofia das Técnicas. O argumento para esta assertiva do autor é o seguinte: ao mudar os sistemas técnicos de cada período mudam, num movimento único e contraditório, as relações sociais, ou seja, para registrar já de início sua definição mais acabada de espaço geográfico, evoluem, de maneira conjunta, os sistemas de objetos e os sistemas de ações (SANTOS, 2009).

A perspectiva miltoniana, poderíamos assim dizer, de metageografia vem no sentido de enfrentar tais desafios. Tal proposta do autor é, a um só tempo, profunda e inovadora, pois, significa, no limite, a possibilidade de filosofar sobre o espaço. Neste sentido, o presente trabalho procura salientar a importância dessa filosofia da geografia para o método, tomando por base a afirmação de Armando Corrêia da Silva (1980; 2000) de que a Geografia, dentro da totalidade social, pode ser considerada uma *subtotalidade*. Para tanto, partiremos de dois argumentos principais.

Primeiro: o método, no limite, opera por intermédio dos conceitos, buscando, num primeiro momento, articulá-los e, em seguida, operacionalizá-los. Todavia, a preocupação genuína com o conceito é tipicamente filosófica. Portanto, uma correta construção e utilização dos conceitos em geografia, que vise à coerência interna de sua teoria, supõem uma filosofia de dentro, que parta da própria ciência. Em segundo lugar, face à complexidade do mundo, o método geográfico não pode prescindir do diálogo com outras áreas do saber. Mas, esse diálogo precisa ser conduzido corretamente, jamais escapando a uma análise substantiva, tampouco, negligenciando o sistema teórico-metodológico próprio da geografia. Neste caso, o que está em jogo é a coerência interna e externa dessa disciplina. Mediante esta breve

reflexão, pretende-se contribuir para o debate em torno do método em geografia no contexto dos dias de hoje.

2 Uma palavra sobre a importância do método em Geografia

O terreno do método envolve operações complexas, dada a própria natureza do conhecimento científico. Para geografia, preocupa-se com a questão metodológica significa, antes de tudo, inclinar-se para o presente, assim a tessitura do meio técnico-científico-informacional (SANTOS & SILVEIRA, 2005) tem levado a mesma tratar o método de maneira mais cuidadosa. Nos dias de hoje, refletir acerca do propósito desta ciência e, particularmente, dos principais categorias e conceitos que a balizam, emparelhando os processos do mundo do presente, pressupõe rigor epistemológico. Esse rigor perpassa, sobretudo, pelo próprio questionamento do método face aos movimentos da história.

A importância do método decorre, precisamente, do fato de que este fornece os instrumentos necessários à interpretação da realidade, o que significa, portanto, que sua importância não é secundária, ao contrário. Mais do que nunca, hoje a preocupação em destacar o papel que o método exerce traduz a preocupação com o rigor e a coerência na análise, posto que “[...] sem método não há possibilidade de investigar a realidade em bases racionais. O método é o caminho para o conhecimento estruturado” (SANTOS e FERNANDES *Apud* VALE 2001, p.10).

Há diversas concepções acerca da natureza do método geográfico, mas Milton Santos traz uma visão dinâmica capaz de evoluir e transforma-se ao longo do tempo, visão esta que se coaduna com sua proposição que ora está sendo o foco deste trabalho, a saber, a metageografia. De acordo com esse autor (2009b, p.156), o método pode ser entendido como “[...] um conjunto de proposições – coerentes entre si – que um autor ou um conjunto de autores propõe para o estudo de uma dada realidade”. Por esse viés, fica evidente que a validade do método geográfico está condicionada à sua atualidade porque seu objetivo precípuo é explicar as estruturas históricas do presente. Com efeito, salta aos olhos a necessidade constante de que as concepções metodológicas caminhem em compasso com as condições históricas de cada período. Isso exige, por outro lado, constantes renovações do método, visto que a realidade socioespacial, ainda na concepção do mesmo autor, sofre de uma inércia-dinâmica decorrente de sua constituição híbrida, ao mesmo tempo técnica e social (SANTOS, 2009a).

Ressaltando essa ideia da necessidade de tratar o método como questão histórica, o filósofo francês Jean-Paul Sartre (1978) afirma que o método vive a práxis que o engendrou, uma vez que se origina como resposta aos problemas específicos de determinado contexto. Nesse sentido, é o contexto que nos convida a pensar e a elaborar um método que possibilite uma compreensão lógica e coerente acerca da realidade. Além disso, o autor preocupa-se em assinalar que o método é, sobretudo, uma ferramenta política, pois, se de um lado dimana da realidade, de outro, volta-se a ela num momento posterior com a finalidade de esclarecê-la. Arma imprescindível ao conhecimento do mundo e, portanto, instrumento de ação, isto é o que, em resumo, nos ensina o autor a respeito da importância do método.

Tal perspectiva é compartilhada por diversos autores e, especialmente, por outros filósofos que tiveram como foco a problemática de encontrar o caminho adequado para chegar à realidade concreta. É o caso, também, de Henry Lefebvre (1983) quando diz que um método eficaz é, ao mesmo tempo, lei do real e lei do pensamento, isto é, um híbrido. Um método que não expresse o funcionamento do real é inválido, por isso que o autor busca mostrar que, para além da *lógica formal*, abstrata, é possível uma *lógica dialética*, concreta, capaz de esposar a

realidade e o pensamento na esteira de um movimento único. Cabe encontrar, no campo de cada ciência, as proposições adequadas que permitam perfazer esse movimento.

Deste ângulo, para que a geografia possa elaborar proposições consistentes é necessário que seu método consiga emparelhar a realidade, expressando-a de maneira coerente no plano do pensamento.

Assim, o conjunto de proposições geográficas elaborado para o estudo do espaço deve dizer o que são os sistemas de objetos e ações hoje, conforme os arranjos diferenciados e mutantes nos/dos lugares. Em outras palavras, um método geográfico “[...] é mais ou menos eficaz segundo a maior ou menor riqueza da realidade – contida objetivamente neste ou naquele fato – que ele é capaz de descobrir, explicar e motivar” (KOSIK, 1976, p.45).

Acreditamos, aqui, que para alcançar a eficácia metodológica, a discussão sobre a importância do conceito é fundamental.

3 Do conceito ao método: a necessidade de uma filosofia da Geografia

De início vale lembrar que a busca pela apreensão científica da realidade social é algo extremamente complexo, não só pela sua dinamicidade, mas também pelo fato de que a mesma não se apresenta à primeira vista (KOSIK, 1976). Assim, a explicação da realidade humana não se resume a captar a aparência das coisas, isto é, aquilo que chega através dos sentidos, pois, esta é apenas um dos aspectos do conhecimento. Mais a questão é ainda mais complexa: Ortega y Gasset (1999) menciona que a primeira vista de um fato não deve ser descartada, porém deve-se olhar uma segunda e uma terceira vez. Entende-se, portanto, que o fenômeno constitui um aspecto importante do conhecimento, embora a realidade concreta não se encerre nele.

Na verdade, a árdua tarefa de apreensão/explicação do real/humano passa, inevitavelmente, pelo exercício do pensamento, pois, supõe, como exigência, a elaboração de conceitos e o pleno domínio do método. Desta maneira, o papel desempenhado pelo conceito vem para o centro das discussões. Milton Santos reflete sobre a imprescindibilidade dos conceitos no conhecimento científico da realidade quando escreve que:

A expressão conceito é geralmente traduzida como significando uma abstração extraída da observação de fatos particulares. Mas, pela razão de que cada fato particular ou cada coisa particular só tem significado a partir do conjunto em que estão incluídos, essa coisa ou esse fato é que terminam sendo o abstrato, enquanto o real passa a ser o conceito (1985, p.09).

Não se objetiva aqui travar uma discussão aprofundada sobre a natureza e elementos do conceito. Ora cabe refletir sobre sua relevância no tratamento científico/analítico da realidade social. Para Ortega y Gasset (1999), em harmonia com as palavras acima de Milton Santos, os conceitos possibilitam apreender o verdadeiro significado das coisas, para além da simples aparência que se tem com o contato imediato orientado pela percepção. Segundo o filósofo espanhol, sem o conceito não se pode conhecer o sentido de existência das coisas, uma vez que este é dado pelas relações que elas mantêm com o resto do mundo, com o universo. Assim, assinala Ortega y Gasset, “[...] el meditador posee el órgano del concepto. El concepto es el órgano normal de la profundidad” (1999, p.58). Ele continua dizendo que não se trata de desconsiderar completamente a impressão do mundo e tomar como fundamento exclusivo os conceitos. Na verdade, cabe reconhecer a função dos sentidos, mas também dos conceitos no tratamento da realidade, pois.

Jamás nos dará el concepto lo que nos da la impresión, a saber: la carne de las cosas. Pero esto no obedece a una insuficiencia del concepto, sino a que el concepto no pretende tal oficio. Jamás nos dará la impresión lo que nos da el concepto, a saber: la forma, el sentido físico e moral de las cosas (1999, p.63).

Assim, é incontestável a importância do conceito na árdua tarefa de compreensão científica das coisas e seus sentidos, já que se trata de um instrumento que permite ter acesso à própria razão de ser dos elementos do mundo. Enquanto maneira sistematizada de conhecer a realidade, o conhecimento científico jamais pode ignorar o papel do conceito na orientação de suas proposições.

No mesmo diapasão, Karel Kosik (1976) procura mostrar que a estrutura concreta das coisas, que é a realidade como totalidade em curso, não se apresenta logo de início ao pesquisador. O autor fala da necessidade de destruição da pseudoconcreticidade, à medida que chama a atenção para tarefa de atingir a *Totalidade Concreta*. Esta seria dada pela conectividade dos fatos, na qual se verifica a unidade entre fenômeno e essência, sujeito e objeto e do todo e suas partes. Por isso, repetimos, não é que se deve desconsiderar a aparência das coisas, isto é, o fenômeno, mas, sim, ultrapassá-lo e explicá-lo de maneira coerente através do método. Por esta razão, conclui o autor, o método é o meio pelo qual se pode decifrar os fatos (KOSIK, 1976).

Com tal preocupação o método geográfico não pode operar senão mediante conceitos, no sentido de buscar articulá-los e operacionalizá-los para, assim, caminhar à análise. Todavia, conforme apontam Deleuze & Guatarri, “O conceito pertence à filosofia e só a ela pertence” (2007, p.47). Para esses autores, os conceitos são construções complexas que exigem uma preocupação particular à medida que podem ser entendidos como totalidades menores no quadro de uma teoria. Ou seja, o conceito é uma subtotalidade porque reúne numa mesma construção elementos distintos da realidade.

Neste sentido, Deleuze & Guatarri deixam claro que é, justamente, no que concerne à preocupação genuína com os conceitos que a filosofia há de se diferenciar da ciência, quando afirmam que “é inútil atribuir conceitos à ciência: mesmo quando ela se ocupa dos mesmos “objetos”, não é sob o aspecto do conceito, não é criando conceitos” (2007, p.46). Ainda na perspectiva desses autores, cada conceito, que brota do plano de imanência¹, tem uma história particular na qual ele se altera, posto que reflete o contexto de uma determinada realidade. Assim, o mesmo conceito pode ser usado e aplicado de diferentes formas, inclusive podendo ser preenchido por uma nova filosofia. Essas transformações sofridas pelos conceitos decorrem, especificamente, das variações espaços-temporais nas quais eles surgem e são aplicados. Isso significa que a realidade precede os esquemas conceituais. Nessa perspectiva, o conceito brota da experiência, da vivência, pois viabiliza a relação do sujeito com o mundo e seus elementos. Em outras palavras: os conceitos constituem verdadeiras armas para enfretamento da realidade.

Por conseguinte, as variações dos conceitos, bem como a densidade filosófica que envolve os mesmos, indicam que para haver a correta utilização dos conceitos no âmbito da geografia se faz necessário um amplo debate filosófico, uma vez que esta ciência precisa conferir aos conceitos uma roupagem própria, visando à coerência interna de sua teoria e a consistência metodológica. Como reconhecem Deleuze & Guatarri (2007), os conceitos modificam-se quando entram em contato com outros e servem ao tratamento de novos problemas, ou seja, uma coisa é o sentido de um conceito no terreno da filosofia ou da

¹ Sobre o Plano de Imanência, vide a obra “Mil Platôs” (1997, vol.5) dos mesmos autores.

sociologia, outra coisa bem diferente é o significado que ele adquire quando é inserido dentro de um conjunto de proposições feitas para o estudo do espaço, quer dizer, dentro do método geográfico.

Na busca por responder a desafios como esses e a par da relevância das questões metodológicas, Spósito (2001) advoga que para haver um debate consistente sobre o método em geografia é necessário aproximar esta ciência à filosofia, pois do contrário não será possível conhecer os alicerces das correntes geográficas contemporâneas e, por conseguinte, avançar na compreensão. Milton Santos (1988), por sua vez, defende o argumento de que tal aproximação não é suficiente, com efeito, sua proposta de Metageografia situa-se além das ideias pregadas por Spósito (2001). Na verdade, trata-se de uma filosofia da geografia, uma filosofia das técnicas que consiga filosofar num movimento balizado por uma realidade ontológica e teórica: o espaço geográfico.

4 A Geografia como subtotalidade: a Metageografia

Neste trabalho acredita-se que, salvaguardando as particularidades filosófico/teórico/metodológica de cada autor, a proposta de metageografia em alguns pontos está em harmonia com a concepção exposta por Armando Corrêia da Silva (1980; 2000) de que a geografia deve ser considerada uma *subtotalidade*. Ele insiste em argumentar a favor deste pressuposto, pois é daí que parte ao tratar a questão do método. Conforme suas expressões “*A Geografia é uma subtotalidade. Ela pode ser identificada, no âmbito do conhecimento, como uma ideologia do cotidiano, expresso pela apreensão da espacialidade do valor relacional contido no real*” (SILVA, 2000, p.7). Nesta perspectiva, o conhecimento geográfico se justifica pela identificação, na realidade, de um campo particular, embora envolto na totalidade social. O partido de método adotado é que a realidade social se apresenta como totalidade, ou seja, de forma conexas, ainda que um esforço analítico justifique a existência de campos particulares do saber, no presente caso, da geografia.

Embora haja diferenças substanciais no que se refere à definição de geografia entre o pensamento de Armando Corrêia da Silva e o de Milton Santos, defende-se que é mais importante avaliar a afirmação do primeiro autor de tratar esta ciência como subtotalidade na perspectiva epistemológico-metodológica. Desse ponto de vista, essa inferência tem duas implicações principais. A primeira é que a referida ciência não está isolada dos demais ramos do saber, ou seja, como totalidade menor a geografia encontra-se imbricada no movimento do mundo com o qual se preocupam diversas disciplinas. Por outro lado, e esta é a segunda implicação, a geografia não pode prescindir de sua autonomia, pois jamais pode escapar a uma análise particular, que compete somente a ela. Ora, cada totalidade resguarda sua própria coerência, a despeito da contradição entre as partes (KOSIK, 1976; LEFEBVRE, 1983). Dizendo de outra maneira: a ideia de subtotalidade ensina que é necessário sempre primar por uma abordagem substantiva, sem, contudo, caminhar para o isolamento.

Neste sentido, depreende-se que a concepção de Metageografia desenvolvida por Milton Santos, clarificada ao longo de sua trajetória epistemológica, traz uma grande contribuição. Poder-se-ia até mesmo ousar dizer que a concepção da geografia como *subtotalidade* no movimento do mundo é o próprio cerne desta construção miltoniana. Por isso, a ideia de uma filosofia da geografia parte de um pressuposto basilar, qual seja o de que é possível uma epistemologia genuinamente geográfica - na contramão daqueles que não consideram tal esforço legítimo.

Por conseguinte, o autor advoga a propósito de uma filosofia da geografia, que toma como ponto de partida e de chegada a própria ciência. Face à situação teórico-metodológica da geografia no início da década de 1980, Milton Santos já argumentava que:

Falta-nos, na verdade, essa necessária articulação entre o pensamento filosófico e o nosso objeto de conhecimento, o chamado espaço geográfico. A questão não é simples. *A filosofia na Geografia, supõe, para sua eficácia, uma filosofia da Geografia.* Em outras palavras, é preciso pensar nossa disciplina de dentro, e não de fora. Sem esse pensamento de dentro, o que se obtém é, apenas, um fraseado elegante, paramentado com citações bem arrumadas, mas só (1982, p.12, grifos nossos).

É necessário entender a explicação acima num contexto de intensos debates epistemológicos no terreno da ciência, com efeito, nesse momento, o autor deixa explícita sua preocupação com uma filosofia da geografia, reconhecendo que essa é a maneira mais coerente de estruturar a ciência geográfica em bases sólidas. Por conseguinte, delinea-se o caminho epistemológico e teórico-metodológico que será percorrido por ele nos decênios posteriores, balizado por essa perspectiva. A compreensão do contexto histórico vivenciado por Milton Santos é fundamental para esclarecer a emergência dessa preocupação, não obstante a seguir destacam-se brevemente duas principais necessidades que originam e explicam sua filosofia da geografia, denominada de Metageografia.

A primeira foi a premente necessidade de renovação teórico-metodológica da ciência geográfica, já que a teoria e o método presentes até o momento eram, de fato, insuficientes frente às mudanças históricas da segunda metade do século XX. Era preciso renovar e agregar novos conceitos, o que implicava revisitar as bases filosóficas da geografia². Neste sentido, compreende-se que um dos fundamentos da Metageografia, como afirma o próprio autor, é o de que “uma disciplina é uma parcela autônoma, mas não independente, do saber geral” (SANTOS, 2009a, p.20).

A segunda preocupação, desdobramento da primeira, era a de que, a partir desta renovação, a geografia alcançasse coerência interna para que assim pudesse construir uma interpretação particular, substantiva, da realidade. Ou seja, os novos conceitos precisavam adquirir uma roupagem geográfica, sem a qual esta ciência poderia ficar sem rumo. Nas palavras do geógrafo brasileiro:

[...] transcender não é escapar. Para evitar essa transgressão, aqui a *demarche* é a oposta: no caso da transcendência, a regra da metadisciplina é a própria disciplina. A possibilidade de transcender sem transgredir depende estritamente de sabermos, e de sabermos muito bem, qual é a superfície do real de que estamos tratando ou, em outras palavras, qual é o objeto de nossa preocupação (SANTOS, 2009a, p.19).

Assim, a coerência interna da geografia é balizada pelo reconhecimento de sua singularidade, o que significa entender qual é o objeto de estudo desta ciência. Por esta razão, o autor empreende uma completa reestruturação dos instrumentos analíticos geográficos, com especial atenção ao conceito de espaço, uma vez que a pretensão subjacente à noção de Metageografia supõe, como ponto de referência, a identificação correta do campo de análise. Daí o autor chegar à conclusão de que o espaço geográfico é teoricamente definido como um sistema de objetos inseparável do sistema de ações.

² Milton Santos promove a internalização de várias categorias ao pensamento geográfico, como: totalidade, técnica e forma, função estrutura e processo, somente para citar alguns exemplos.

É com base nestas duas premissas que Milton Santos coloca a Metageografia como necessária ao rigor analítico, inerente à construção do seu objeto de estudo. Conforme sua explicação:

Construir o objeto de uma disciplina e construir sua metadisciplina são operações simultâneas e conjugadas. O mundo é um só. Ele é visto através de um dado prisma, por uma dada disciplina, mas, para o conjunto de disciplinas, os materiais constitutivos são os mesmos. É isso, aliás, o que une as diversas disciplinas e o que para cada qual, deve garantir, como uma forma de controle, o critério da realidade total (2009a, p.20).

É neste sentido que a Metageografia é uma filosofia que parte da própria Geografia e isso é crucial para o método, posto que o possibilita caminhar com o ritmo do mundo. A afirmação acima dá ainda o que pensar sobre as possibilidades de diálogo da geografia com outras áreas do saber. Aliás, Milton Santos discorda da ideia de que para fazer um trabalho interdisciplinar correto basta somente colocar profissionais de áreas diferentes do saber para explicar o mesmo problema, como se faz hoje com a questão do “meio ambiente”. Para ele “para alcançarmos uma interdisciplinaridade válida precisamos partir de metadisciplinas, o que nos obriga a nos inclinar diante da história contemporânea” (SANTOS, 1995, p.696-697). Em outras palavras, a possibilidade de diálogo advém do tratamento adequado e substantivo do sistema de objetos e sistemas de ações a partir do conjunto de proposições elaboradas para esta finalidade. Não se pode sair desse terreno sob o pretexto de melhor aproxima-se de qualquer outra disciplina.

É assim que se foge à concepção clássica de interdisciplinaridade, onde cada disciplina comunica-se com a outra a partir de si mesma. Desta maneira, a partir da Metageografia, a preocupação é com a subtotalidade-espaco, evitando assim leituras fragmentadas. A explicação de Milton Santos a seguir, expressa bem a necessidade de filosofar na própria disciplina:

Não é, simplesmente, a partir da História, da Geografia, da Sociologia, da Antropologia, etc, mas a partir das metadisciplinas, isto é, da metageografia, da metahistória, da metassociologia, da metaantropologia... que se obtém um trabalho comum em torno de um objeto. *Trata-se de alcançar um plano superior, que permita a todos se encontrarem filosofando, ao seu modo, o que nos obriga a pensar não apenas nas coisas em si, mas em sua verdadeira significação dentro da totalidade* (SANTOS, 1998, p.10 grifos nossos).

5 Considerações finais

A complexa textura do contexto histórico presente nos convida a refletir acerca do método geográfico, sempre submetendo sua validade aos movimentos da história socioespacial. Como disse Gabriel Tarde (1895, p.17) *apud* Silveira (2009, p.19), quando nos empenhamos com a questão metodológica na verdade estamos em busca da “[...] llave que abre casi todas las cerraduras [...]”. Nesse sentido, Milton Santos propõe que a Geografia possa construir e renovar seus próprios conceitos, a partir das solicitações dadas pela própria realidade. Para isso, é de importância capital a correta discussão filosófica no âmbito da geografia bem como análises empíricas competentes que evoluam *pari passu* com a história.

No presente trabalho, buscou-se discutir a importância da metageografia, na perspectiva de Milton Santos, entendida como uma filosofia da geografia, para que esta ciência consiga analisar o espaço geográfico, este sendo uma realidade ontológica teorizada como um conjunto inseparável de sistema de objetos e sistema de ações (SANTOS, 2009), cuja compreensão, em cada etapa da história, evoca construções teórico-conceituais próprias. O conceito é da orçada da filosofia, mas a questão que Milton Santos traz para o debate, com a proposta da metageografia, consiste na possibilidade de filosofar sobre o espaço geográfico, o que significa filosofar sobre os sistemas técnicos. Isso se faz, sugere o autor, mediante a definição prévia do objeto de estudo desta ciência.

É inovadora, também, a compreensão de Milton Santos de que o método deve ser entendido como conjunto de proposições conexas para estudo da realidade ou de uma parcela desta. Com isso, entende-se que um conceito isolado não tem valor explicativo. A internalização de categorias pela geografia precisa ser feita com cautela, pois tais categorias necessitam se encaixar no sistema teórico da disciplina e não ao contrário.

À guisa de considerações finais sustentamos que a proposta subjacente à Metageografia permite avançar na discussão sobre o método em geografia por propiciar um debate substantivo no que se refere à questão metodológica. A preocupação genuína com o método aponta para uma *Filosofia da Geografia*, conforme esboçada na proposta teórica de Milton Santos, possibilitando estruturar em bases sólidas a ciência geográfica e, desse modo, construir interpretações que contribuam à compreensão do mundo.

5 Referências

DELEUZE, G.; GUATARRI, F. **O que é Filosofia?** Trad. Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Muñoz. 34 ed. Rio de Janeiro, 2007. 47p.

_____. **Mil Platôs** - capitalismo e esquizofrenia, vol. 5. tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. 34 ed. São Paulo: 1997. 204p.

KOSIK, K. **Dialética do Concreto**. 3ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 1976. 230p.

LEFEBVRE, H. **Lógica Formal/Lógica Dialética**. 3ªed, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. 302p.

ORTEGA Y GASSET, J. **Meditaciones Del Quijote**. 6ª ed. Revista de Occidente en Alianza, Editorial Madrid, 1999. 245p.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**. Técnica e tempo. Razão e emoção. 4ª edição. São Paulo: edusp, 2009a. 384p.

_____. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985. 88p.

_____. Para que a Geografia mude sem ficar a mesma coisa. In: **Boletim Paulista de Geografia**, nº 59, AGB - Seção São Paulo, São Paulo, 1982, pp.5-22.

_____. A Questão do meio Ambiente: desafios para a construção de uma perspectiva transdisciplinar. In: **Anales de Geografía de la Universidad Complutense de Madrid**, nº.15pp-695-705, 1995.

_____. **Técnica, Espaço e Tempo.** globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo: Edusp, 2009b. 176p.

_____. A Técnica em ossos dias: a instrução e a educação. In: **Cadernos ABMES**, v.1, n.1, out., 1998.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: Território e Sociedade no início do século XXI.** Rio de Janeiro: 7ª ed, Record, 2005. 471p.

SARTRE, J. P. **O Existencialismo é um Humanismo; A Imaginação; Questão de Método.** São Paulo: Abril Cultural, (Coleção os Pensadores) 1978. 500p

SILVA, A. C. A Aparência, o Ser e a Forma (Geografia e Método). In: **GEOgraphia**, Ano II – Nº 3. pp. 7-25, 2000.

_____. A subtotalidade Geografia e sua especificidade. **Anais do 4º Encontro Nacional dos Geógrafos**, AGB, Rio de Janeiro, 1980.

SILVEIRA, M. L. Espacio Banal e Diversidad: más allá de las demandas del príncipe. In: **Revista Huellas**, v. 13, p. 18-36, 2009.

SPÓSITO, E. S. A questão do método e a crítica do pensamento geográfico. In: CASTRO, Iná Elias de; MIRANDA, Mariana; EGLER, Cláudio A.G. **Redescobrimo o Brasil: 500 anos depois.** 2ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, pp.347-359.

VALE, J. M. F. Milton Santos e o Método. In: **Ciência Geográfica.** O Geógrafo Cidadão. São Paulo: Vol.II, Ano VII, nº. 19, pp.9 – 10, mai/ago, 2001.